

Sesimbra nas ruas

Largo 1.º de Dezembro

No extremo poente da Rua Prof. J. Marques Pólvora, um pouco antes da sua ligação ao Largo Almirante Gago Coutinho, abre-se o Largo 1.º de Dezembro, tendo na sua frente a Rua Guerra Junqueiro.

Ainda hoje conhecido por "Largo da Fonte Nova", nome que o vulgo consagrou desde a construção, em meados do século XIX, duma fonte que o povo das redondezas vinha reclamando, visto estar mal servido de abastecimento do precioso líquido que vinha obtendo, ou em precárias condições de salubridade nuns casos, ou por especial favor dos seus proprietários noutros, nos vários poços particulares que então existiam.

A "Fonte da Vila", situada junto ao edifício da Câmara Municipal, e que era então a única para serviço público, ficava muito afastada da zona oeste da vila. A instalação da nova fonte foi, portanto, saudada jubilosamente pelas pessoas ali residentes, que, seguindo a tradicional prática popular de nomear as ruas, de forma lógica e espontânea, logo passaram a chamar-lhe de "Largo da Fonte Nova".

E não foi apenas o largo que ficou com esse nome, pois ainda hoje lá está por perto o Beco da Fonte Nova, como também houve uma rua homónima a que, posteriormente, deram o nome de Rua dos Operários Marítimos. Aliás, toda aquela zona dos então



limites ocidentais de Sesimbra passou a ser designada por a "Fonte Nova". Só em 1914 é que o seu nome foi substituído por Largo 1.º de Dezembro, mas apenas na toponímia oficial, visto que o povo continuou sempre a nomeá-lo por "Largo da Fonte Nova". De facto, no primeiro de Dezembro daquele ano, comemorando a data da independência de Portugal, a comissão executiva da Câmara organizou um programa de actos festivos, entre os quais se contava "a inauguração dum belo e elegante marco fontanário em mármore vermelho", por sinal valiosa oferta do seu presidente, o sesimbrense Virgílio de Mesquita Lopes.

Substituíam-se, assim, o primitivo fontanário, já muito danificado, por um novo e de linhas modernas, que muito valorizou o local, como ainda é notório. Na mesma altura, foram descerradas as respectivas lápides denominativas e, segundo os relatos da imprensa da época, "apesar da impertinência da chuva que caía, foi grande e entusiástica a presença do público, tendo-se ouvido um brilhante discurso de enaltecimento à proficiência e valor político e administrativo do presidente do município, que assim dotava dum importante melhoramento o bairro ocidental de Cezimbra. No final da sessão, ouviram-se vivas a Cezimbra,

Sesimbra nas ruas

à Câmara Municipal, à Pátria e à República". À noite, a banda da Sociedade Musical Sesimbrense, fundada nesse mesmo ano, percorreu as ruas da vila, tocando o hino da Restauração, enquanto se ouviam repetidas girândolas de foguetes, vendo-se os principais edifícios públicos iluminados e embandeirados.

O dia 1.º de Dezembro foi também o escolhido para dar cumprimento ao generoso legado com que os beneméritos, José Pedro Frade e sua esposa, contemplaram as instituições da sua terra, atribuindo um prémio pecuniário aos alunos mais distintos da instrução primária, incentivando-os à aplicação no estudo.

Assim, no princípio da tarde daquele dia, a Escola Conde de Ferreira acolhia os alunos de todas as escolas do concelho, acompanhados dos seus fami-

liares e professores, para a festa de distribuição dos mesmos prémios, que contava com a presença de todo o elemento oficial e muito povo. A cerimónia iniciava-se com números de canto coral e recitativos, terminando com um lanche de confraternização oferecido às crianças pela Câmara Municipal. Como foi costume, durante longo tempo, pois já era assim com a Monarquia, continuou-se com a I República e manteve-se com o Estado Novo, celebrava-se condignamente a gloriosa data em que um grupo de patriotas pôs fim ao domínio castelhano, que durou 60 anos, proclamando D. João, o 8.º duque de Bragança, rei de Portugal, restaurando assim a nação portuguesa e mantendo-a coesa na sua unidade secular dentro das fronteiras mais antigas da Europa.

António Reis Marques

